



Figura 8: Operadores da Mtr 12,7 mm no “convés-chaff”
Fonte: o autor (2012)

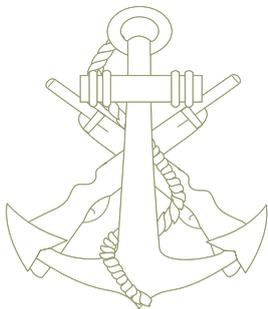
Quando em terra, o DstFN provia a escolta dos deslocamentos motorizados dos militares do Estado-Maior da FTM, principalmente nos itinerários compreendidos entre Beirute e Naqoura, cidade no sul do Líbano, onde se localiza o quartel-general do *Force Commander*.

Referências

1808: o histórico desembarque. *O Anfibio*, Rio de Janeiro, n. 26, ano XXVII. Ed. Especial 2008.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA-305: Doutrina Básica da Marinha**. Brasília, DF, 2004.

POGGIO, Guilherme. **Fragata ‘União’ novamente rumo ao Líbano**. Disponível em: <http://www.naval.com.br/blog/tag/fragata-uniao-f-45/#axzz2eLAIKkOP>. Acesso em: 25 ago. 2013.



CT (FN) Marco Antonio Nepomuceno da Costa Filho
mancl@yahoo.com.br

Reconhecimento Blindado: uma visão da doutrina americana

Das Origens aos Dias Atuais

“Chega o momento em que se torna necessário lutar por informação e os elementos de reconhecimento devem ser fortemente apoiados. Deve haver também comunicação entre eles e seus apoios” (NORMAN, 1911). A frase citada, de autoria do Coronel Inglês William Wylie Norman em sua obra *Cavalry Reconnaissance*, sintetiza algumas das bases mais importantes da doutrina que se desenvolveria significativamente ao longo do século XX, a qual tem sua origem em centenas de anos de emprego de elementos a cavalo que não dispunham de tecnologia de comunicações para proverem informações com rapidez. Três anos após o lançamento da publicação supracitada, o primeiro blindado seria empregado eficazmente em combate, quando o Exército belga utilizou o Minerva na I Guerra Mundial (1914-1918).

A necessidade de obter informações precisas sobre o inimigo e o terreno, aliada à mobilidade dos cavalos, deu origem às missões de

reconhecimento (Recon) e tornou os elementos esclarecedores¹ um importante componente da Cavalaria. Registros históricos datados do século XIV já relatam o sucesso do emprego de exploradores pelos britânicos em campanhas contra espanhóis e franceses. Quatro séculos se passaram e a grande experiência colhida pelos ingleses voltou-se contra eles, uma vez que teve significativa importância na formação dos “Dragoons”², que lutaram pela independência dos Estados Unidos. Esses foram os precursores da Cavalaria Americana, que teria futuramente participação decisiva na sua Guerra Civil (1861-1865) e, principalmente, na posterior expansão territorial para o oeste.

¹ Aventureiros a cavalo enviados às posições próximas aos inimigos com a finalidade de obterem informações a respeito do terreno e inimigo.

² Primeiras unidades montadas dos EUA, formadas em 1777, que lutaram nas principais batalhas durante a Guerra de Independência (1775-1783). No século XIX, deram origem à 1ª e 2ª Cavalaria.

A II Guerra Mundial (1939-1945) foi o principal ponto de inflexão de toda a história da Cavalaria. Tal período não só marcou a transição definitiva dos cavalos para os blindados³, mas também a doutrina da Cavalaria enquanto arma de combate e como parcela de uma força em Operações Terrestres. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, a concepção doutrinária era centrada apenas na Infantaria e Artilharia, e a Cavalaria operava em grandes formações, separadamente das demais armas. Enquanto isso, os oponentes alemães possuíam Forças que combinavam eficazmente as armas de combate (*Blitzkrieg*), dificultando a reação das unidades americanas diante da contínua mudança de direção da qual era proveniente o ataque inimigo.

No norte da África, as derrotas americanas para a *Blitzkrieg* alemã trouxeram uma importante lição: pela primeira vez, ficou claro para os americanos que não era mais possível vencer uma guerra sem que a Infantaria e a Cavalaria atuassem de maneira conjunta, complementando suas capacidades. A combinação das armas passou a ser aplicada em todos os escalões. Infantes passaram a guiar os carros no terreno, indicar posições fortificadas inimigas e proteger as viaturas contra ameaças anticarro. Já os blindados destruíam posições de armas automáticas e prestavam apoio de fogo aproximado à Infantaria que cerrava sobre o inimigo. A mudança de quadro a favor dos americanos que ocorreria a seguir veio a comprovar que é necessário que as armas de combate atuem juntas.

O teatro de operações na Europa foi também o palco do primeiro teste para as Unidades de Reconhecimento Blindado, as quais eram equipadas com Jipes Bantam, dotados de morteiros ou armas automáticas, e Veículos de Blindagem Leve M8 Greyhound, com canhões de 37 mm, metralhadoras de 30 mm de calibre e rádios FM para permitir as comunicações em combate. Disposto desses meios, pode-se dizer que o sucesso obtido foi apenas relativo. O emprego de Observadores de Artilharia junto aos elementos avançados deu importante contribuição para que os fogos indiretos contra posições de armamentos anticarro e baterias inimigas fossem mais eficazes. Contudo, a blindagem insuficiente ou inexistente e o baixo poder de fogo não davam condições mínimas para a autodefesa dos destacamentos, os índices de baixas eram muito altos e, em parcela significativa dos casos, a missão deixou de ser cumprida, pois tais tropas não possuíam a capacidade de executar ações de contrarreconhecimento, que consiste em impedir que o inimigo execute o reconhecimento através da destruição ou desgaste de seus meios empregados para esta finalidade.

Já na Guerra do Vietnã (1955-1975), as lições aprendidas das experiências em combate mostraram melhores resultados, mas novamente um sucesso apenas relativo. Contudo, elas foram determinantes para que fosse alcançado o conceito atual de Reconhecimento Blindado dos dias de hoje. Inicialmente, as unidades de Cavalaria foram equipadas com Carros de Combate M48A3 Patton, os quais possuíam canhões de 90 mm, e com Viaturas Blindadas M-113. Posteriormente, com a transição para o então novo conceito da "Cavalaria Aérea"⁴, os Pattons foram quase todos substituídos pelos Carros de Combate Leves M551A1 Sheridan, que possuíam a capacidade de serem lançados por paraquedas e dispunham de canhões de 152 mm, capazes de disparar munições convencionais ou mísseis anticarro. Embora esta nova concepção parecesse boa, a experiência de utilizar tais mísseis com os canhões dos carros de combate revelou-se um fracasso e os Sheridans foram retirados sem substituto após a guerra. Este resultado foi um im-

portante fator a pautar a futura concepção de utilizar mísseis filoguiados em veículos de transporte de tropa, que ganhariam a capacidade de destruir alvos blindados. Com isso, os mísseis BGM-71 TOW (**T**ube-launched, **O**ptically-tracked, **W**ire-guided) seriam, nos anos subsequentes, incorporados às Viaturas Blindadas M2 Bradley.



Figura 1: Blindado Minerva
Fonte: BARDEN (2011)



Figura 2: Jipe BANTAM
Fonte: sítio Vintage Military Trucks
(www.vintagemilitarytrucks.com)



Figura 3: M8 GREYHOUND
Fonte: sítio Military Mash Up (www.militarymashup.com)

A Operação Tempestade no Deserto (1991) provou o sucesso da iniciativa supracitada. Companhias de Carros de Combate que possuíam nove M1 Abrams e pelotões de reconhecimento com o M2 Bradley obtiveram grande êxito ao longo da guerra, sobretudo na Batalha de 73 Easting, na qual quatro Companhias do 2º Regimento de Cavalaria Blindada obtiveram uma vitória decisiva ao destruírem duas Brigadas Iraquianas, que juntas perderam 85 carros de combate, 40 viaturas blindadas e 30 viaturas sobre rodas. Nesta ocasião, um Pelotão de Reconhecimento Blindado destruiu Carros T-72 do inimigo, utilizando mísseis TOW, em um momento que este se encontrava sem apoio dos carros de combate. Já na fase final, na aproximação a Bagdá, elementos de reconhecimento empregando o binômio (PelCC + Viatura blindada com elementos de reconhecimento embarcados nela) foram enviados à frente para verificar as posições defensivas remanescentes inimigas, o que permitiu a rápida conquista do aeroporto da capital do Iraque. Embora o êxito supracitado tenha sido alcançado também por conta da rápida chegada dos americanos, que surpreendeu os iraquianos em um momento que eles ainda não estavam ocupando suas posições defensivas já preparadas, é possível dizer que houve uma evolução na flexibilidade dos meios para responderem adequadamente a diferentes tipos de ameaça, que é o desejável para a tarefa de reconhecimento. É importante ressaltar que, mesmo tendo Viaturas Blindadas com limitado poder anticarro (há limite de transporte de mísseis e o remanejamento dura alguns minutos), o binômio CC/VtrBld continuou a ser a concepção de emprego mais adequada, principalmente se a contraparte possuir carros de combate, contra os quais os canhões leves não são suficientes para proverem a autodefesa.

Desde 2001, nas operações no Afeganistão e, posteriormente, no Iraque, a experiência americana ganhou ênfase na guerra irregular, com suas forças envolvidas com tarefas relacionadas ao combate con-

³ O último registro de ataque de uma força montada data de 1945, tendo sido realizado pela 10ª Tropa de Reconhecimento de Cavalaria de Montanha, em operação na Áustria.

⁴ "Operações em que forças de assalto, utilizando o poder de fogo, a mobilidade e a integração total do apoio de helicópteros, manobram no terreno para engajar e destruir o inimigo ou conquistar e manter terreno" (FM 1-02).



Figura 4: M551A1 SHERIDAN
Fonte: sítio Free Republic (www.freerepublic.com)



Figura 5: IAV Stryker TP
Fonte: o autor (2012)



Figura 6: Viatura M2 Bradley disparando um míssil TOW
Fonte: sítio Armed Forces (http://www.armedforces-int.com/projects/m2_m3_bradley_fighting_vehicles.html)

tra elementos insurgentes em ambientes urbanos. Com isso, hoje não há uma viatura específica para a execução de missões de Reconhecimento e Segurança, pois mesmo as unidades tradicionais de Reconhecimento de Cavalaria passaram a realizar apenas eventualmente suas tarefas originais, atuando conforme as demais organizações blindadas na maior parte do tempo, utilizando viaturas com canhão (como no caso do uso combinado das Viaturas Blindadas sobre Rodas Stryker versão TP com viaturas da versão MGS, com canhão de 105 mm) ou mísseis (como no caso dos Bradleys, conforme explicitado no parágrafo anterior). Além disso, aeronaves, helicópteros e veículos aéreos não tripulados (VANT) passaram a integrar as operações com métodos de controle determinados de acordo com a situação.

formas distintas. A primeira, e menos desejável⁵, é o *Recon Pull* (puxar), que ocorre quando há nenhuma ou muito pouca quantidade de informações sobre a situação militar do inimigo ou quando esta vem se alterando rapidamente. Os elementos de reconhecimento “puxam” o corpo principal para atacar o dispositivo inimigo, buscando, por meio da manobra, colher qualquer tipo de informação que contribua para uma nova orientação do Comandante, permitindo que o seu Plano seja atualizado. O planejamento do reconhecimento é sumário e o tempo é bastante reduzido. O sucesso ocorrerá à medida que for possível prover dados significativos para o Comandante decidir sobre eventuais modificações em sua linha de ação. Não é desejável conduzir um reconhecimento desta maneira por não haver um foco específico para

VIATURA	SL / SR	ANO DO LANÇAMENTO	VELOCIDADE	ARMAMENTOS	ALCANCE
M8 Greyhound	SR	1942	90 km/h	Canhão 37 mm e Mtr .30 e .50	Não disponível
M46 patton	SL	1949	48 km/h	Canhão 90 mm, 1 x Mtr .50 e 2x Mtr.30	Canhão - 914 m
M-113	SL	1960	64 km/h	Mtr.50	1.800 m
M551A1 Sheridan	SL	1967	70 km/h (Terra) 5,8 km/h (Água)	Can 152 mm, 9 x Mísseis MGM-51, Mtr .30 e Mtr .50	Canhão - Não Disponível MGM-51 - 2.000 m
M2 Bradley	SL	1981	66 km/h (Estrada) 40 km/h (Campo) 7,2 km/h (Água)	Can 25 mm, 7 x Mísseis TOW e Mtr 7.62 mm	Canhão - 3.000 m TOW - 3.750 m
IAV Strucker	SR	1999	100 km/h	Tp - Mtr .50, MK-19 ou Mtr 7.62 mm MGS - Can 105 mm e Mtr .50	Canhão - 4.000 m
M1 Abrams	SL	1980	67 km/h (Estrada) 40 km/h (Campo)	Can 105 mm, 1 x Mtr .50 e 2 x Mtr 7.62 mm	Canhão - 4.000 m

Quadro 1: Principais características de Blindados empregados pelo Exército dos EUA
Fonte: o autor (2013)

Hoje, com a saída americana do Iraque e o iminente término da sua presença no Afeganistão, as lições aprendidas de mais de uma década de guerras não trouxeram uma conclusão definitiva sobre a necessidade de haver veículos específicos para as frações de Reconhecimento de Cavalaria nem quais características eles devam possuir.

A Doutrina Americana

As missões de reconhecimento são aquelas que permitem a coleta de Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) para a tomada de decisões por parte do Comandante de uma Força, Componente ou Unidade. Tais operações são conduzidas no Exército dos EUA de duas

o levantamento de informações, podendo assim não haver grande eficácia na obtenção de conhecimentos relevantes que contribuam para a adequação do planejamento, além de dificultar a economia de meios, que é um princípio fundamental para esse tipo de operação.

A segunda forma é conhecida como *Recon Push* (empurrar), que é executada quando se dispõe de tempo e informações a respeito do inimigo, do terreno e de assuntos civis e, baseado em tais dados, é executado um planejamento detalhado. Os produtos finais serão, além do esquema de manobra do escalão envolvido, perguntas específicas a serem respondidas pelas tropas de reconhecimento, de modo a facilitar o processo

⁵ Pelas razões elencadas no texto, o *Recon Pull* é a forma menos desejável para a execução das operações de reconhecimento blindado. Contudo, conforme já demonstrado em outro artigo desta revista, pode ser a mais favorável à luz da Guerra de Manobra.

decisório, conhecidas como *Priority Information Requirements* (PIR); na nossa doutrina, equivalentes aos Elementos Essenciais de Inteligência, porém produzidas de forma mais detalhada. As PIR devem ser as mais específicas possíveis, de modo a não gerar interpretações dúbias por parte dos elementos na cena de ação. Em outras palavras, preferencialmente, as respostas para as perguntas deverão ser “sim” ou “não”. Além disso, a localização do foco do reconhecimento deve ser a mais detalhada possível. Para esta finalidade, no planejamento são estabelecidas as áreas onde serão empenhados os elementos de reconhecimento. Tais áreas são conhecidas como *Named Area of Interest* (NAI), Área de Interesse Nomeada. Dentro de cada NAI, podem ser incluídas quantas PIR forem necessárias. No entanto, deve ser levada em consideração a capacidade da fração empregada naquela área, bem como o seu período de permanência, de modo que haja tempo suficiente para a observação adequada dos dados necessários. O *Recon Push* é a forma mais desejável para a execução de qualquer ação de reconhecimento, por direcionar o esforço para áreas específicas e, assim, obter resultados mais eficazes e a consequente economia de meios.

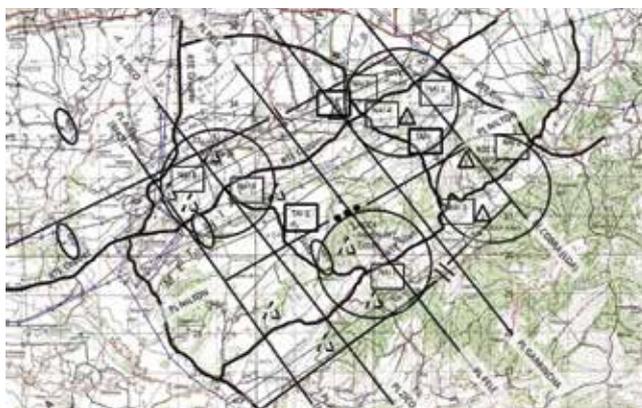


Figura 7: Calco de uma Operação de Reconhecimento
Fonte: o autor (2012)

Os tipos de reconhecimento podem ser: Reconhecimento de Zona; Reconhecimento de Área; Reconhecimento de Eixo; e Reconhecimento do Inimigo ou Força Adversa. Não há nenhum tipo a ser preferencialmente executado, dependendo da necessidade da missão. Na elaboração da Ordem de Operações, é incluída a Intenção do Comandante

para a execução do Reconhecimento, que será subdividida em Foco (que poderá ser o inimigo, o terreno e a população civil ou combinação de mais de um), Tempo (que pode ser com ou sem sigilo e rápido ou detalhado) e critérios para engajamento e desengajamento.

Para as ações de reconhecimento são importantes dispersão e profundidade. Essas características permitem a continuidade da observação, principalmente nos momentos que estiver ocorrendo o desengajamento. Além disso, é importante a elaboração de uma matriz de sincronização (ver quadro 2), que permite visualizar as lacunas na programação do emprego dos meios de reconhecimento e, desta forma, realizar os ajustes necessários para que haja maior eficácia no cumprimento das tarefas, com base na missão a ser cumprida e na disponibilidade de meios. A doutrina prevê o emprego de meios de natureza distinta (blindados, aviação ou VANT), observando o mesmo foco (situação conhecida como “Combinação”), bem como o emprego de elementos da mesma natureza observando um mesmo foco (conhecida como “Redundância”). A situação determinará se é recomendável a Combinação ou a Redundância. Um exemplo a ser citado é o caso de reconhecimento de áreas urbanas, onde é aconselhável ocorrer Redundância pela possibilidade de manter o Reconhecimento em caso de perda de algum posto de observação.

Já as operações de Segurança são executadas durante a consolidação do corpo principal de uma força em qualquer nível no terreno, mediante a ocupação de Posto Avançado de Combate (PAC) ou Posto Avançado Geral (PAG), com foco nos pontos onde as ações ou decisões tomadas pelo inimigo tenham efeito direto sobre a atividade de forças amigas. As seções de exploradores ocuparão posições alternadas, devendo deslocar para posições suplementares quando o engajamento decisivo for iminente. A profundidade deverá ser suficiente para que haja uma seção realizando a segurança enquanto outras deslocam, até que passem à retaguarda do corpo principal. Tais operações permitem ao Comandante, entre outras coisas, ganhar tempo, obter alerta antecipado, canalizar o inimigo, infligir baixas, executar contrarreconhecimento e retirar do inimigo a disposição de atacar, por meio da destruição de meios importantes para o cumprimento da sua missão. Como exemplos de NAI para operações de segurança, podem ser citadas as bifurcações em que o inimigo, após realizar a ultrapassagem, indica a direção geral do seu ataque.

Nai Matrix

NAI #	LOCATION	NAI DESCRIPTION	INDICATORS	COLLECTION ASSET				TIMINGS			RELATED TO	
				1 st	2 nd	SWT	RAVEN	ON	OFF	LTIOV	DP	PIR
1	GL 28777388	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Silver	x	-	-	x					2
2	GL 28337405	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Cooper	-	x	-	x					1
3	GL 29557003	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Silver or Cobalt	x	-	-	x					2,3,6
4	GL 35728988	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Cooper or Cobalt	-	x	-	x					1,3,6
5	GL 35897049	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Grafite	-	x	x	x					5,6
6	GL 364767790	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Cooper or Gold	-	x	-	x					1,4
7	GL 36476790	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Silver or Gold	x	-	x	x					2,4
8	GL 37883848	Intersection	Eny Vehicles driving on RTE Grafite	-	x	-	x					5

PIR #	NESTED PIR#	PIR	SIR	ANSWER
1		Is the ENY driving on RTE Copper?		
2		Is the ENY driving on RTE Silver?		
3		Is the ENY driving on RTE Cobalt?		
4		Is the ENY driving on RTE Gold?		
5		Is the ENY driving on RTE Grafite?		
6		Does the ENY have 4 or more tanks wst of LOA?		
7				
8				
9				
10				

Quadro 2: Matriz de Planejamento
Fonte: o autor (2012)



Quadro 3: Matriz de Sincronização
Fonte: o autor (2012)

Os tipos mais usuais de operações de segurança⁶ são: *Screen* (Vigilância) e *Guard* (Guarda). O primeiro se destina à obtenção de alerta antecipado, às ações de contrarreconhecimento e a infligir baixas ao inimigo. Contudo, em ações de vigilância, o engajamento com o inimigo se dará somente em casos de alvos de oportunidade, não sendo prioritário. O segundo possui os mesmos objetivos, porém o ganho de tempo mediante destruição de elementos de reconhecimento inimigos é prioritário.

Se o Comandante desejar canalizar o inimigo para uma região favorável, as tropas de segurança têm a capacidade de observar as áreas por onde o Comandante não deseja que a força adversa progrida (como, por exemplo, nos casos em que direcionar um ataque inimigo para uma área específica permite maior vantagem ao defensor). Tais

áreas são conhecidas como *Targeted Area of Interest (TAI)*. Elementos de segurança podem receber a tarefa de conduzir fogos de artilharia ou morteiro nestas regiões ou a aviação pode engajar o inimigo no local. Em ambos os casos, o objetivo é forçar o inimigo a seguir por outro caminho, buscando uma região onde supostamente encontrará menor resistência, mas que será, na realidade, mais fortemente defendida ou que será mais vantajosa para a realização de contra-ataques.

O emprego de morteiros é mais recomendável aos Elementos de Reconhecimento Blindado (DSR) do que à artilharia, em virtude da facilidade de transporte. São estabelecidas no planejamento as posições a serem assumidas pelos morteiros (*Mortar Firing Position - MFP*), sempre à retaguarda das seções esclarecedoras e com possibilidade de baterem seus alvos dentro do alcance útil. A doutrina americana não emprega morteiros embarcados em viaturas blindadas, utilizando viaturas leves para essa finalidade. Assim como os elementos de segurança, as peças retraem para posições suplementares para evitarem o engajamento decisivo e, ao mesmo tempo, continuarem a apoiar os destacamentos.

⁶ A definição de Operações de Segurança, à luz da doutrina americana, é diferente da forma como definimos no CFN. Segundo o manual FM 17-95, tais operações obtêm informações sobre o terreno e o inimigo, provendo tempo de reação, espaço de manobra e proteção aos Elementos em 1º Escalão. "Vigilância" e "Guarda" estão inseridas entre os tipos de Operações de Segurança.

A Intenção do Comandante em uma missão de segurança possui estrutura quase idêntica a de uma missão de reconhecimento, sendo incluídas as subdivisões Foco, Tempo (trata, neste caso, sobre a duração e o aprofundamento do levantamento de informações) e Critérios para engajamento e desengajamento. Não há distância mínima ou máxima que uma tropa de segurança deve manter do corpo principal, porém deve ser suficiente para que o Comandante tenha tempo de realizar os ajustes necessários quando obtiver alguma informação ou alerta antecipado.

Cabe ressaltar que, tanto em missões de reconhecimento quanto de segurança, suas frações não têm poder suficiente para engajar decisivamente com forças de maior vulto e, mesmo no caso de interação com elementos de reconhecimento inimigo, se possível, deve ser avaliado se o risco da perda de meios importantes é compensador. Neste escopo, fica justificada a relevância de serem definidos previamente pelo Comandante os critérios de engajamento e desengajamento. É importante que Pelotões de Reconhecimento Blindado tenham elementos aptos a conduzirem fogos (de artilharia, aéreos e navais), classificarem pontes e reconhecerem pontos de passagem.

A integração de VANT e aviação de ataque em missões de reconhecimento e segurança permitiu significativa evolução nas suas possibilidades. Os EUA os mantêm em apoio direto ou à disposição dos seus pelotões de reconhecimento blindado. Ambos são empregados em regiões onde se decidiu não empregar frações blindadas, preferencialmente aproveitando seu poder de fogo para destruir meios que afetem o centro de gravidade inimigo. Há modelos de VANT passivos e ativos: o primeiro se destina à observação aérea com possibilidade de conduzir fogos indiretos; o segundo, além de observar, tem a capacidade de engajar alvos compensadores. Exemplos de modelos passivos são o *Raven* e o *Shadow* e exemplos de modelos ativos são o MQ-1 *Predator* e o MQ-9 *Reaper*, que possuem, respectivamente, dois e quatro mísseis *Hellfire*, guiados a laser. Já a aviação de ataque pode apoiar os DSR com meios de asa rotativa e de asa fixa, sendo mais eficazes os modelos com capacidade de engajar a uma maior distância. O emprego eficaz destas armas de apoio ao combate pode facilitar a operação do esforço principal, com o aumento da vulnerabilidade inimiga devido à destruição prévia de meios importantes para a consecução da sua missão.



Figura 8: General Atomics MQ-9 Reaper
Fonte: [sítio Airlines.net \(http://www.airliners.net/photo/USA---Air/General-Atomics-MQ-9A/1350938/L/\)](http://www.airliners.net/photo/USA---Air/General-Atomics-MQ-9A/1350938/L/)

O planejamento do emprego dos VANT e da aviação se dá por meio da inclusão ao calco das *Restricted Operations Zone (ROZ)*, Zona de Operações Restritas, definidas como “volumes do espaço aéreo com dimensões definidas, designados para missões operativas específicas”. No planejamento das ROZ, a altitude em que o meio designado deverá se manter e os horários de início e fim do período que deverá permanecer sobrevoando aquele espaço deverão estar determinados.

Em áreas urbanas, os elementos de reconhecimento e segurança são lançados de bases e têm a capacidade de cumprir tarefas de reconhecimento com foco no terreno, na força adversa ou em assuntos civis. Os empregos de VANT e aviação podem ser associados às opera-

ções, de forma a prover reconhecimento contínuo ou garantir o sigilo, caso sejam necessários. As missões com foco no terreno incluem o reconhecimento de áreas para instalação de bases avançadas, a trafegabilidade de ruas e passagens, possíveis itinerários a serem utilizados por comboios e locais que podem ser usados para apoiar operações de diferentes naturezas. As missões com foco na força adversa incluem a confirmação de atividade ilegal em determinadas áreas, o reconhecimento de locais onde tradicionalmente ocorrem emboscadas ou *check points*, a confirmação do uso de dispositivos explosivos improvisados e as características (incluindo o efetivo estimado) de eventuais bases usadas por grupos adversos. As missões com foco em assuntos civis incluem o levantamento de dados referentes à rotina da população, aspectos ligados à cultura local, reconhecimento de locais com grande circulação diária de civis e, até mesmo, a receptividade da população local à presença de tropas estrangeiras. Adicionalmente, podem realizar tarefas de segurança, mediante a instalação de Postos de Controle de Trânsito (podendo ter foco na confirmação de eventuais informes) ou apoiando o isolamento da área onde será realizada alguma operação.

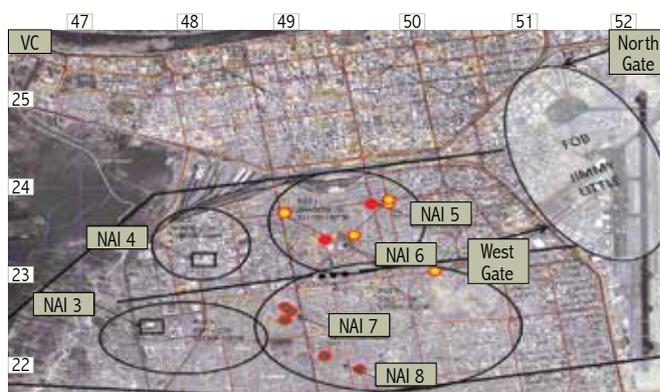


Figura 9: Calco de Operações de Reconhecimento em Área Urbana
Fonte: o autor (2012)

Conclusão

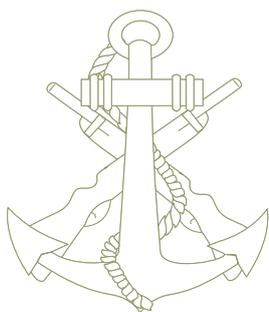
Este artigo teve o objetivo de apresentar um painel histórico mais aprofundado sobre o emprego da Cavalaria, com ênfase nas missões de Reconhecimento, bem como fazer uma exposição sobre a doutrina vigente no Exército dos EUA. A análise dos assuntos expostos pode enriquecer uma discussão sobre a validade de empregarmos elementos de reconhecimento blindado e sobre quais aspectos podemos incorporar à nossa doutrina. O USMC prevê o emprego de Pelotões *TOW*, com a tarefa principal de destruir blindados inimigos, principalmente Carros de Combate; e Pelotões *Scout*, com a tarefa principal de realizar reconhecimentos, Operações de Segurança de vulto limitado e apoio de comando e controle. Os elementos supracitados estão inseridos na organização dos *Tank Battalions*⁷ (Batalhões de Carros de Combate) e possuem tarefas semelhantes às dos *Scout Platoons* no US ARMY, o que corrobora o entendimento de que os conceitos apresentados neste texto possuem validade para o *United States Marine Corps*.

Evidentemente, para o CFN, muitas adaptações se fazem necessárias, em virtude das nossas particularidades de emprego e do vulto de investimentos que desejaremos realizar. Em relação à questão material, de acordo com a conclusão deste autor, não há ainda uma viatura ideal para utilizarmos em Pelotões de Reconhecimento Blindado, pois, para cada missão, as tarefas, as regras de engajamento, a

⁷ Pelotões de Cavalaria especializados na execução de Operações de Reconhecimento e Segurança.

área de operações e as características da força adversa terão peculiaridades que determinarão quais atributos necessitamos nos nossos meios para que tenhamos flexibilidade para atingirmos eficazmente os nossos propósitos. Possivelmente, uma organização contendo distintos modelos de uma mesma viatura, com diferentes características e armamentos, poderia dar à Força tal versatilidade.

A tendência futura das Operações Anfíbias, Operações de Paz e Operações realizadas por Forças de Coalizão, lideradas por organismos internacionais, caminha para o combate ou neutralização de ameaças assimétricas em ambientes urbanos e requer de uma Força de Caráter Expedicionário capacidades ampliadas nestes cenários. Assim sendo, a inclusão de Pelotões de Reconhecimento Blindado associados a outros meios de apoio ao combate pode contribuir neste sentido. Recentemente, as ações americanas no Iraque e Afeganistão, a intervenção francesa no Mali e até mesmo a nossa experiência no Haiti corroboraram esta assertiva. Cabe ao Corpo de Fuzileiros Navais continuar a evoluir para ter contribuição crescente no atendimento aos interesses nacionais.



CT (FN) Pedro Fernando Zonzin Filho
fernando@ciampa.mar.mil.br

O emprego de blindados nas Operações Militares em Ambiente Urbano

Introdução

Nos atuais cenários dos campos de batalha, as áreas urbanas têm estado cada vez mais presentes de forma desafiadora para quem tenta enfrentá-las. Podemos analisar vários exemplos, alguns deles recentes, de como exércitos bem preparados e com grande capacidade tecnológica dispõem enormes sacrifícios materiais e humanos para controlar e conquistar centros urbanos.

Segundo Gott (2006)¹, futuros líderes militares não terão o luxo de evitar o axioma de Sun Tzu², “A pior política é atacar cidades (...) atacar cidades somente quando não há alternativa”. Operações urbanas tornar-se-ão uma necessidade no futuro, visto que, para derrotar um inimigo, seus principais centros urbanos deverão ser conquistados, pois, mais e mais, representam o poder e a riqueza de uma nação. Isso ocorre não apenas porque as cidades são a sede do poder dos governos, mas também porque possuem as bases industriais, as bases das redes de transporte e o coração dos centros econômicos e culturais de um país.

¹ GOTT, Kendall D. Tenente-Coronel (TC) Reformado do Exército do EUA, atualmente historiador do *Combat Studies Institute Press, US Army Command and General Staff College*.

² SUN TZU (general que viveu no estado de Wu no século VI a.C) em *A Arte da Guerra*, traduzido do chinês por Thomas Cleary. 1994.

Referências

BARDEN, M. **WWI – Belgium Armored Car Division in Russia**. Disponível em: <http://www.philatelicedatabase.com/postal-history/wwi-belgium-armored-car-division-in-russia>. Acesso em: 15 de jun. 2013.

FEUER, A.B. **Packs on!** Memoirs of the 10th Mountain Division. Westport, Connecticut: Praeger, 2004. 176p.

GOBIN, S.D. **Reorganizing the Tank Battalion TOW and Scout Platoons**. Quantico, Virginia: Expeditionary Warfare School, 2009. 12p.

HEADQUARTERS, DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 1-02: Operational Terms and Graphics**. Washington, D.C.: 2004. 484p.

HEADQUARTERS, DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 17-95: Cavalry Operations**. Washington, D.C., 1996. 510p.

HEADQUARTERS, DEPARTMENT OF THE ARMY. **FM 3-20.96: Reconnaissance and Cavalry Squadron**. Washington, D.C., 2010. 204p.

HOFFMAN, G.F.; STARRY, D.A. **Camp Colt to Desert Storm: The History of U.S. Armored Forces**. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 1999. 656p.

NORMAN, W.W. **Cavalry Reconnaissance**. Londres: Bibliof, 1911. 210p.

Podemos observar a crescente evolução ao longo dos anos da utilização de meios blindados (Bld) nos arredores e no interior de centros urbanos em diversos conflitos armados. A história recente mostra vários exemplos do uso bem sucedido de blindados em localidade, da maneira como fazem os israelenses sempre que necessitam entrar em áreas dominadas por guerrilhas islâmicas e mesmo durante operações de paz. A capacidade de empregar estes meios rapidamente pode ser crucial se bem planejadas forem as operações. Em contrapartida, podem acarretar verdadeiros desastres táticos se mal planejadas, tal qual em 1994, quando, de modo errôneo, extensas colunas blindadas do exército russo, sem a preparação apropriada, tentaram tomar a capital chechena de Grozny.



Figura 1: BTR russo em patrulha nas ruas de Grozny
Fonte: sítio educationNet (www.e-ducation.net)